

## CLIPPING

03 de Junho de 2019  
Diário do Pará – A seu serviço, A-4.

# UFPA é a federal que tem mais alunos

Pesquisa realizada pela Andifes e Fonaprace aponta que, com 51.191 alunos, a Universidade Federal do Pará tem o maior volume de estudantes entre as 63 instituições federais de ensino superior do país

## EDUCAÇÃO

**Luiz Flávio**

**A** Universidade Federal do Pará (UFPA) é a Instituição Federal de Ensino Superior (IFES) com o maior volume de estudantes entre as 63 instituições existentes no país segundo a V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos Graduandos das IFES, divulgada mês passado pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) e pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assistência Estudantil (Fonaprace).

De acordo com a pesquisa, realizada ano passado, a UFPA lidera o quantitativo de estudantes de graduação presencial ativos, com 51.191 alunos (4,3%), ficando à frente da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com 50.571 alunos (4,2%); e a Universidade Federal Fluminense (UFF), com 47.155 alunos (3,9%). As 3 IFES lideram esse ranking.

A pesquisa apontou volume de 1.200.300 alunos distribuídos em 65 IFES e por 395 campi em todo o país, que ingressaram no período entre 2000-2018. Estes alunos têm matrícula ativa em 355 cursos, distribuídos nos turnos diurno, noturno e integral, para obtenção dos graus de Bacharelado, Licenciatura, Bacharelado e Licenciatura e Tecnológico.

Depois da UFPA, aparecem no ranking do Pará as Universidades Federais do Oeste do Pará (Ufopa), com 5.303 alunos (0,4%); a Rural da Amazônia (Ufra), com 7.158 alunos (0,6%); e a Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), com 5.190 alunos (0,4%).

Especialmente o Pará, junto com a Bahia, fica na quarta colocação entre os Estados com maior número de IFES, atrás de Minas Gerais (12), Rio Grande do Sul (7), Rio de Janeiro (4 universidades federais + Cefet-RJ).

O levantamento mostra que a maioria dos alunos de graduação das universidades federais brasileiras vem de família com renda per capita de até um salário mínimo e meio, é parca ou preta, cursou o ensino médio em escola pública e tem pais que não fizeram faculdade. Os cotistas, de qualquer modalidade, representam pouco menos da metade do total.

A pesquisa mostra que 26,61% dos alunos têm renda de até meio salário mínimo, 26,93% de até um salário mínimo, e 16,61% de até um salário e meio, totalizando 70,2%. Em 2014, quando foi feita a última pesquisa, eles eram 66,2%. Por Estado, o Pará é onde há mais estudantes com esse perfil: 88%. Na outra ponta, está o Distrito Federal: 47,1%.

Outro dado da pesquisa mostra que 60,4% dos alunos fizeram o ensino médio exclusivamente em escola pública, frente a 60,2% em 2014. Em 2003, eram 37,5%. Se incluídos também aqueles que passaram mais tempo na rede de educação pública do que na privada, o índice sobe para 64,7% em 2018.



**A Universidade Federal do Pará** tem mais alunos do que, por exemplo, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

FOTO: RICARDO AMANAJÁS

**A PESQUISA**

● A pesquisa mostrou como é constituída a comunidade de graduandos das universidades federais brasileiras.

● Durante quatro meses, uma equipe de pesquisadores da Universidade Federal de Uberlândia, com a participação de especialistas de outras universidades, coletou informações dos estudantes de graduação das 63 universidades federais e dois Centros Federais de Educação Tecnológicas do Rio de Janeiro e Minas Gerais, totalizando 65 IFE's.

● O processo envolveu, além de mais de 420 mil estudantes diretamente, toda a comunidade acadêmica, em um levantamento de dados que vão desde o perfil básico, como gênero, raça e idade, até os caminhos percorridos pelos graduandos a partir da educação básica.

● Após o término dessa fase, os questionários foram analisados pelos pesquisadores durante cerca de seis meses. O levantamento é realizado desde 1996.

● Os pardos e pretos somados são, de acordo com a pesquisa, mais da metade dos alunos, representando 51,2% do total. Ainda assim, isso está abaixo da média da população brasileira, em que esse índice é de 60,6%.

● Ao todo, 43,3% dos estudantes são brancos, 39,2% são pardos, 12% são pretos, 2,1% são amarelos, 0,9% são indígenas, e não há informações de 2,5%.

● Segundo a avaliação da pesquisa "proporcionalmente ao tamanho da população brasileira, os brancos, amarelos e pretos estão sobre-representados. Já os pardos e indígenas são sub-representados". Em relação a 2014 (quando ocorreu a última pesquisa) aumentou a proporção de pardos, pretos e indígenas, e diminuiu a de brancos e amarelos.

**CONHEÇA ALGUNS DOS ALUNOS DA UFPA**



● **Marcos Antônio Pereira Barros Junior**, 20 anos, cursa terapia ocupacional também na UFPA. A renda da família vem da sua mãe, que é empregada doméstica e ganha um salário mínimo. "Há uns 8 meses comecei a estagiar e recebo uma bolsa de R\$ 400,00 que me ajuda a me manter na faculdade".

As dificuldades em sua vida acadêmica surgiram no ensino médio. "Estudei em escola pública, com ensino fraco e que não prepara bem para o Enem. No primeiro ano do meu ensino médio meu pai faleceu. Com isso a renda caiu demais", lembra. Após concluir essa etapa do ensino com muito esforço, Marcos conseguiu entrar em um cursinho particular. "Consegui cursar só 3 meses porque o dinheiro acabou. Saí e continuei estudando em casa".

Mesmo assim conseguiu passar no processo seletivo. "As dificuldades persistem até hoje sejam emocionais, financeiros ou por falta de tempo", diz. "Não consegui os auxílios oferecidos pela universidade. Ainda assim é um privilégio estudar na UFPA. Aqui dentro a gente cresce. As oportunidades são enormes", aponta.



● **Emylly Azevedo Lopes**, 22 anos, mora na Comunidade Quilombola do Abacatal, em Ananindeua, e cursa o terceiro semestre do curso bacharelado em desenvolvimento rural na UFPA. "Optei pelo curso porque poderei ajudar minha comunidade a adquirir outros modos de sobrevivência evitando que os recursos naturais se percam rapidamente", diz a estudante, que concilia o curso com o emprego de babá.

Ela estudou o ensino fundamental na sua comunidade e no bairro do Aurá e concluiu seu ensino médio em Castanhal. Conta que, para quem estuda em escola pública, é muito difícil ser aprovado numa universidade. "O processo seletivo especial para quilombolas e indígenas é através de uma redação e podíamos escolher a forma mais fácil de fazê-la. Só que no meu ensino médio não ensinaram como se faz uma redação e todo o processo se tornou muito difícil. Sofri muito para fazer a prova, mas consegui a vaga", lembra.

Para ela, uma quilombola cursar uma universidade, mesmo pública, também é complicado. "Sem o auxílio de bolsas que são ofertadas se torna quase impossível se manter dentro da Universidade, pois temos muitos gastos com transportes e material didático. Vamos levando do jeito que dá".



● **Bruno Edgar Cordovil**, 24 anos, cursa o terceiro semestre de letras na UFPA. Natural de Marudazinho, município de Marapanim, gosta muito de ler e escrever. Ganhou prêmios em seu município e primeiros lugares em concursos de redações nas escolas públicas que estudou.

"Batalhei muito para ser aprovado no meu curso. O grande desafio que enfrentamos hoje é o acesso a uma educação de qualidade. Meu ensino médio foi muito precário. Tive que sair do interior e consegui vaga no cursinho popular de Belém, onde estudei para o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) e consegui minha aprovação na UFPA", conta.

Bruno ainda não conseguiu estágio e a sua renda familiar é de 2 salários mínimos. "Grande parte dos jovens que entra na universidade depende das políticas de assistência estudantil para sobreviver nos seus cursos. Dependem do Restaurante Universitário, das bolsas de assistência e permanência estudantil, bolsas de pesquisa e extensão", diz, ao se manifestar preocupado com cortes de verbas na educação.

FOTOS: IRENE ALMEIDA